

Expressão Gutural

O presidente Fernando Henrique Cardoso foi recebido no Ceará com uma vaia encomendada e mostrou que não é a vaia que faz a democracia, mas a tolerância do governante agredido pelo ressentimento político dos derrotados. Estudantes secundários e aposentados disponíveis foram mobilizados para a montagem de espetáculos de exteriorização primária. A vaia é a manifestação gutural do corporativismo que não articula duas palavras com algum sentido político.

A intolerância política sob a Constituição de 46 criou na Câmara dos Deputados, por iniciativa da falecida UDN, uma estridente banda de música que, também em nome da democracia, executava improvisos de uma nota só — oposicionismo sistemático —, desafinando constitucionalmente. A central do corporativismo organizou a charanga populista cujo lema é “resistência às reformas”. A diferença entre a banda de música udenista e a charanga é a qualidade dos seus integrantes.

O corporativismo é um impulso primário que quer apenas confundir aposentados (com direitos adquiridos) com arruaceiros e utilizá-los como massa de manobra contra a reforma previdenciária. A mobilização da esquerda pela CUT considera satisfatória a atual organização previdenciária, da aposentadoria à assistência médica. A felicidade assistencial se exprime em filas quilométricas em torno dos hospitais e ambulatórios ou nos guichês de pagamento de benefícios.

Diante da escassez de argumentos para con-

trapor às reformas, a central do corporativismo, que funciona como ala da CUT, entrega-se a vaiais como expressão superior da falta de raciocínio político. Ainda bem que a democracia está demonstrando capacidade de resistir aos testes de carga dos que, a pretexto de defendê-la, querem experimentá-la em agitação de rua.

Passados seis meses da eleição presidencial, os derrotados não se conformam com a vontade da maioria e, sem capacidade de agir de maneira responsável, contrapõem-se à reforma constitucional através de terceiros (aposentados e secundaristas). O PT, liderando a esquerda (o que restou dela) depois da queda do muro de Berlim, prefere opor-se a oferecer alternativas (digamos) socialistas às propostas do governo. Está perdendo a segunda oportunidade de aprender. A primeira foi a sucessão presidencial, quando os ideais corporativistas, com o aval histórico das esquerdas, foram rejeitados por um resultado acachapante. Não houve necessidade do segundo turno para evidenciar que os brasileiros querem mudar. O vencedor, Fernando Henrique Cardoso, está mostrando que a vaia é o sotaque do ressentimento eleitoral.

Vaias por si sós não são problema. A questão preocupa quando se sabe que, não encontrando resistência, arruaceiros frustrados se inclinam à violência. Ai, porém, a questão deixa de ser assunto de democracia e se torna caso de polícia. É prender, processar, julgar e condenar para valorizar a lei.

JORNAL DO BRASIL

26 MAR 1995